Lembrando Raimundo Girão

Vladir Menezes

Raimundo Girão nasceu em 3 de outubro de 1900 na fazenda Palestina, à margem esquerda do Rio Banabuiú, Município de Morada Nova. Dos 3 aos 13 anos fez seus primeiros estudos em Maranguape. Em 1913 passou a residir em Fortaleza, freqüentando o Liceu do Ceará até 1919, quando concluiu o Curso Preparatório. No ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, colando grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1924, como o mais jovem de uma turma em que despontavam ainda Paulo Elpídio de Menezes, José de Pontes Medeiros, Pedro Veríssimo e Ubirajara Carneiro.

Projetou-se como advogado estabelecido em escritório situado no primeiro andar do Edifício Studart, no centro de Fortaleza, tendo como companheiros os doutores Raimundo Girão e Antônio Martins Filho.

Raimundo Girão foi prefeito de Fortaleza, ministro do Tribunal de Contas do Ceará, presidente do Conselho Penitenciário do Ceará, consultor jurídico da Associação Comercial do Ceará, livre-docente da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Ceará, professor da Escola de Administração da Universidade Estadual do Ceará, da qual foi diretor, Secretário de Educação do Ceará, primeiro titular da Secretaria de Cultura, membro efetivo do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras, da qual foi presidente, e da Sociedade Cearense de Geografia e História.

Raimundo Girão: homem público, professor, historiador dedicado à história de seu Estado natal, autor de obras no

campo da História, da Economia e da Literatura, com mais de trinta títulos publicados, entre os quais se destacam:

História Econômica do Ceará — editado pela primeira vez em 1947. Análise penetrante da economia cearense do estágio econômico das populações pré-coelhinas, do regime de agricultura do índio nordestino e seus instrumentos de trabalho, a economia do primerio século, a época do couro, do algodão, da cana-de-açúcar, do café, da cera de carnaúba e dos efeitos da seca de 1877-79.

Pequena História do Ceará — editado pela primeira vez em 1953, já em sua quarta edição (1984). Livro-texto da disciplina de História do Ceará das Universidades Federal e Estadual, é leitura obrigatória para quem deseja conhecer a história local. Trata-se de análise bem feita da formação étnica, social, econômica e político-administrativa, examinando a política cearense no Império e na República e a evolução e desenvolvimento do Ceará atual, apreciando os aspectos e transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. No prefácio à primeira edição disse Thomaz Pompeu Sobrinho que a *Pequena História do Ceará* "representa a primeira tentativa de síntese histórica do Ceará".

A Abolição no Ceará — Já em sua terceira edição (1984). Nela Raimundo Girão estuda com atenção o negro no Ceará, dos pródromos da libertação à ação enérgica de Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, que colaborou decisivamente para que não mais se embarcassem escravos no Ceará, e a ação de José do Patrocínio no Ceará, a ação do Centro Abolicionista e as Sociedades Cearenses Libertadoras; o Rosal da Liberdade e o 25 de março de 1884 e a Libertação no Ceará.

Geografia Estética de Fortaleza — editada pela Imprensa Universitária do Ceará em 1959, com introdução do então reitor da Universidade Federal do Ceará, professor Antônio Martins Filho que observou com grande propriedade ser a obra "o objeto de uma análise percuciente que faz do livro um misto de documentário, estudo e interpretação dos seus aspectos históricos, sociológicos, geográficos e urbanísticos". Aqui Raimundo Girão nos fala, entre outros assuntos, da paisagem natural de Fortaleza, de sua plenitude biológica, do Castelo de Schonenborch, do Boticário Ferreira e da Praça que recebeu seu nome, dos salões e cafés de Fortaleza.

Além das obras referidas realçam *Antologia Cearense* (1957); *História da Faculdade de Direito do Ceará* (1960); *Matias Beck — fundador de Fortaleza* (1961); *História econômica geral e do Brasil* (1964); *Vocabulário popular cearense* (1967); *A Academia de 1894* (1975); *A cidade do Pajeú* (1982) e *Palestina, uma agulha e as saudades* (1972).

Em *Palestina, uma agulha e as saudades,* que Raimundo Girão chama de "meu roqueiro canto do cisne", narra acontecimentos que viveu e presenciou. Escrita aos 72 anos e dedicada à sua Marizot, seus filhos, netos e amigos, foi, oportunamente, chamada por Plácido Castelo de "um livro doce"...

Raimundo Girão foi, ainda, agraciado com medalhas, entre as quais destacam-se a de bronze, concedida pelo Governo francês; Barão de Studart (ouro), conferida pelo Instituto do Ceará; Sereia de Ouro, concedida pelo Grupo Verdes Mares de Comunicação; Diploma de Amigo da Cultura, conferido pela Secretaria de Cultura do Estado; e muitos outros, além de sócio honorário e correspondentes de diversas instituições culturais brasileiras.

Raimundo Girão sem esquecer sua Morada Nova fez de Fortaleza a sua cidade. Em "Minha cidade do oceano verde" declarou-se a Fortaleza dizendo: "A cidade que me recebeu adolescente e me embalou os sonhos da mocidade e modelou-me os dons da natureza e me acolhe generosa na velhice, sempre para mim inspiração de amor, de beleza e vida". E mais adiante: "Cidade que não era minha e que eu fiz minha sem esquecer a minha".

Raimundo Girão, homem de bem, querido por seus familiares e amigos, orgulho não somente de Morada Nova e de Fortaleza, mas de todo o Ceará, será sempre lembrado como um dos mais profícuos historiadores de nossa terra.

Transcrito do D.O. Letras — Ano III n.° 12 — julho/setembro 1988.